OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte) m. forte	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas idem	4$000	2$000	-$-	-$-
Estrangeiro e India	5$000	2$500	-$-	-$-

32.º Anno — XXXII Volume — N.º 1099

10 de Julho de 1909

Redacção — Atelier de gravura — Administração
Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial
Praça dos Restauradores, 27
Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

DUQUÊSA DE PALMELLA

CHRONICA OCCIDENTAL

A Sociedade de Geografia de Lisboa, que tantos e tão relevantes serviços tem prestado já ao seu paiz, toma agora a iniciativa de mais uma bella manifestação de atividade patriotica.

Refere-se a chronica ao concurso para a memoria, sobre os meios de promover e tornar quanto possivel efficaz o estreitamento de relações entre Portugal e o Brazil.

Nós todos falamos muito do Brazil, porque todos queremos muito ao Brazil, e não nos cançamos de o tratar por irmão afetuoso e dilecto. O Brazil é o nosso mais — que tudo —, e justo é que assim seja. Todavia ignoramos, (e temo-nos mantido nesta ignorancia com um singular afinco) o que verdadeiramente o Brazil é para nós.

Pergunta-se, por exemplo:

A quanto monta a população portuguêsa espalhada por todo elle, por aquellas costas de cerca de sete mil e quinhentos kilometros de extensão, por todo aquelle interior até uma distancia de quatro mil kilometros?

A quanto monta o numero de portuguêses espalhados por essa assombrosa região da America do Sul, que vae do Amazonas até aos confins do Rio Grande?

A quanto monta a cifra d'esses emigrantes e dos filhos d'esses emigrantes, que ainda conservam a nacionalidade portuguêsa, e trabalham na agricultura, na industria, no comercio, na pesca e nos transportes de toda a especie?...

Não se sabe? Ninguem o sabe: nem o estado, nem os particulares. E aqui o particular não é o culpado da sua ignorancia, porque é ao estado que incumbe ter em ordem os recenseamentos, as estatisticas da população portuguêsa, dentro e fóra do reino.

E' para isso que o estado dispõe de somas que lhe não são votadas pelas duas casas do parlamento; é para esse fim que o Estado escolhe, nomeia e paga a funcionarios.

Se não se sabe a quanto monta exactamente a população portuguêsa em todo o Brazil — porque ha estados, aliás populosos e riquissimos, como o de S. Paulo, que conta mais de um milhão e meio de habitantes, como o de Minas Geraes que conta tres milhões d'habitantes, e onde não ha serviços consulares portuguêses, regularmente estabelecidos! — a quanto monta ao menos a população portuguêsa nos estados como o do Rio de de Janeiro, da Bahia, de Pernambuco, onde ha consulados de primeira classe?...

Ninguem sabe!

Mas ao menos qual será o numero exacto de subditos portuguêses residentes dentro da cidade do Rio de Janeiro, cuja população é hoje avaliada em oitocentos mil habitantes? Será de cem, de cento e cincoenta, ou de duzentos mil?...

Não se sabe!

Quantos portuguêses residem dentro da cidade da Bahia, da cidade de Pernambuco, da cidade de Belem, no Pará, cidades onde a população é computada, na primeira em duzentos mil habitantes, na segunda em duzentos mil, na terceira em setenta e cinco mil, sendo nesta ultima o comercio exclusivamente portuguès?

Não se sabe! Não se sabe!

E quando nada d'isto se sabe, como se ha de saber a proporção em que essa gente entra nos trabalhos da agricultura, da industria, do comercio e dos transportes; como se ha de avaliar da variedade e importancia dos misteres que os portuguêses exercem nas

BUSTO, EM MARMORE, DO MARQUÊS DE SÁ DA BANDEIRA,
INAUGURADO NA SALA «PORTUGAL» DA SOCIEDADE DE GEOGRAFIA, EM 21 DE JUNHO
Esculptura da sr.ª Duquêsa de Palmella

terras de Santa Cruz; como se ha de calcular aproximadamente a quanto monta a fortuna dos portuguêses residentes no Brazil?...

Sobre todas estas coisas — cuja importancia salta aos olhos de todos — reina a mais profunda e a mais variada ignorancia nas regiões officiaes. Não ha um unico elemento de observação e de estudo. E quando o industrial, o comerciante, o exportador português, quizerem saber, formar uma ideia aproximada da importancia, da influencia e da penetração portuguêsa em todo o Brazil, para ver o que mais convirá fazer no sentido de alargar a nossa esféra de operações mercantis — esse exportador nada saberá e nada conseguirá saber, porque não ha dados estatisticos de nenhuma especie, nem bons nem mesmo maus. Nada! pela palavra nada!

Contra quem nos devemos insurgir, contra quem se devem insurgir todos quantos teem ou desejam ter relações de qualquer especie com o Brazil — é contra os governos, contra os sapientissimos estadistas d'este abençoado país que nada têm feito, absolutamente nada, no sentido de conhecerem o que devia ser conhecido de todos — a proporção em que entra o elemento genuinamente português, no trabalho, no fomento, na riqueza da nacionalidade brazileira.

Não é ao Brazil que se hão de pedir esses esclarecimentos, esses preciosissimos dados estatisticos; porque o Brazil, principalmente depois da lei chamada da «grande naturalisação», por um compreensivel, respeitavel e justificadissimo orgulho, o que mais deseja e ambiciona é que desapareçam por completo quaesquer diferença de casta e de nacionalidade, e que se considerem cidadãos brazileiros, gosando de todos os direitos civis e politicos, todos quantos para lá emigram, todos quantos para lá vão trabalhar, cooperar no engrandecimento e no progresso material e moral da patria brazileira.

Esses preciosissimos dados, quem os devia fornecer, quem os devia possuir, quem os devia ter assignalados nos seus documentos officiaes estatisticos — era o Estado português, o governo português. Por acaso pensam os nossos governantes que o governo inglês, o governo francês, o governo allemão, não possuem, escrupulosamente determinados, os recenseamentos da população inglêsa, francêsa, alemã, no Brazil, na Argentina, no Chile, ou no Perú? que nas chancelarias de Londres, de Paris, ou de Berlim, se não sabe á quanto monta a população das respectivas colonias espalhadas por todo o Brazil; e mais os misteres em que se ocupam os colonos; e em quanto é avaliada a sua fortuna propria e a sua cifra de operações?...

Mas nós, nada queremos saber, nada precisamos saber, nada estudamos, de nada investigamos!

Todos os dias se diz que os serviços consulares portuguêses precisam ser reorganizados; mas nunca chega o dia em que elles se reorganizem.

Ainda não ha muito tempo, um ilustre compatriota nosso, regressando da grande Republica, referia em boa letra redonda o que podéra presencear com respeito ao interesse que todo o português no Brasil conserva inalteravel pela patria e por aquelles que deixou na patria.

«Havia pouco tempo que eu estava no Rio de Janeiro — dizia essa testemunha — e um dia dirigia-me ao escritorio da agencia de um Banco do Porto, quando encontro á porta enorme aglomeração de gente, como só se vê em Lisboa á porta d'um cambista afamado, a quem saiu a sorte grande.

Foi-me dificil romper por entre aquella onda, que tambem se estendia pelo passeio. E perguntando a um dos empregados a que era devida tamanha concorrencia, respondeu-me que era vespera de pagamento... Toda aquella gente trazia maços de notas brazileiras, para comprar cheques sobre Portugal, e remetê-los ás familias...

E foi então, e só então que compreendi a justeza da frase de Herculano: — Portugal continuava sendo uma caixa economica opulentissima do trabalho português no Brasil. Porque toda essa gente que esperava por vez á porta da agencia d'aquelle Banco, era só composta de portuguêses, de infatigaveis, honrados e bondosos trabalhadores da nossa terra — carroceiros, carregadores, catraeiros, trabalhadores do campo, operarios, marçanos, pequenos logistas — bons filhos, bons maridos, bons irmãos, trazendo o fruto das suas economias, uma parte do seu trabalho insano de todos os dias, de todas as horas, aquelle oiro ganho com tanto esforço nessas regiões longinquas, para o remeter aos velhos, para o enviar á familia, tornando assim, aos entes queridos, a vida mais facil, mais confortavel, mais doce...

E passando por outras agencias de estabelecimentos bancarios de Lisboa e Porto, a mesma concorrencia, a mesma aglomeração, o mesmo movimento. Oiro e mais oiro que seguia caminho de Portugal; oiro e mais oiro, produto da energia portuguêsa, da atividade portuguêsa, nas terras de Santa Cruz!

«Raras vezes meus olhos tinham assistido a espetaculo que tanto me surpreendesse e tamanha impressão me produzisse!»

Santa gente! Abençoada gente! Em vez de consumir o produto do trabalho insano em prazeres faceis ou em comodidades de vida, sobretudo num clima como o dos tropicos, onde tudo parece pouco para o bem-estar quotidiano — essa gente priva-se muitas vezes da sua comodidade e do seu conforto, para ir ás agencias dos bancos portuguêses, com as mãos cheias de notas, comprar libras a cambios exorbitantes! E esse oiro que economisaram á custa de sacrificios é para mandar á familia, metida nalguma risonha e viçosa aldeia d'este lindo mas desditoso Portugal, para onde elles têm, os desterrados, sempre volvidos os olhos d'alma, suspirando pelo dia em que possam transformar o casebre onde nasceram em opulenta vivenda, e alargar as terras, e cultival-as, e tornal-as formosas e lucrativas, mostrando assim aos amigos e aos visinhos quanto póde o trabalho empreendedor, audacioso e honrado...

A sua idéa constante, inflexivel, tenaz — dizia Herculano, falando do nosso emigrante — é voltar rico, ou pelo menos abastado, á patria. E volta. Se cançado de sacrificios e trabalho quer gosar, é á industria, á cultura e ao commercio do seu país que atira ás mãos cheias o oiro que ajuntou! Pois é d'este emigrante que o Estado português nem cuida, nem quer saber.

Chegam por anno vinte, vinte e cinco, vinte oito mil portuguêses ao Brazil, e de quantos falam os registos consulares?

Para onde vão esses vinte, vinte e cinco, ou vinte oito mil portuguêses? Para o comercio, para a industria, para a lavoura?

Onde ficam? Nas cidades ou dirigem-se para o interior?...

Ninguem o sabe. Ninguem pensa em o saber. O estado só sabe do português, só conhece a existencia do emigrante português no Brasil quando por acaso chega a qualquer consulado a noticia de que algum d'elles morreu. Então, sim! então é que o estado aparece, cangalheiro ativo e emerito, para tomar conta do espolio, para arrecadar o espolio do morto — porque isso e só isso parece deixar-lhe algum lucro.

Dos pobres emigrantes que chegam, ninguem cuida, ninguem se informa, ninguem quer saber. Que se arrangem — com a sua caixa de pinho. E' preciso que morram e deixem algum peculio, para merecerem alguma atenção das regiões oficiaes.

E quando o estado entre nós se lembra de proteger, como disse um bom humorista, é caso para apitar.

João Prudencio.

O busto de Sá da Bandeira pela sr.ª duquêsa de Palmella

A sua inauguração na Sociedade de Geografia

Em a noite de 21 do mez passado tivemos o prazer de assistir a uma dessas sessões solemnes da Sociedade de Geografia de Lisboa, que foi tanto a glorificação de um dos heroes da nossa historia, como a consagração de uma nobre artista, que o é pela estirpe e pelo talento. Foi a sessão solemne para inaugurar o busto do Marquês de Sá da Bandeira, primorosamente cinselado no marmore pela sr.ª duquêsa de Palmella e pela ilustre titular oferecido á Sociedade de Geografia, que o inaugurou na sala *Portugal*, fronteiro ao busto de Luciano Cordeiro, que já ali existe, como fundador daquella instituição.

Para maior solemnidade, presidiu á sessão Sua Magestade El-Rei D. Manuel acompanhado por Sua Altêsa o Infante D. Afonso, ministerio, deputações da Camara dos Pares e da Academia Real das Ciencias, corpo diplomatico, direção da Sociedade de Geografia e numerosa assistencia de socios e mais convidados, entre os quaes se contavam a sr.ª D. Isabel de Sá Nogueira Villar e o sr. Luis de Mello Sá Nogueira, sobrinhos-netos do marquês de Sá da Bandeira, não comparecendo, seguramente por lapso nos convites, os srs. Faustino de Paiva, Ernestino de Paiva e Bernardo de Paiva Sá Nogueira, seus sobrinhos em primeiro grau.

Basta a grandiosidade da sala com todas as recordações que ali se guardam de nossas glorias passadas, e tantas provas de riquêsa de nossos dominios coloniaes, para dar imponencia aos actos que nella se realisam, como este de dupla honra para a memoria do bravo militar e benemerito colonial, marquês de Sá da Bandeira, e para os que lhe prestavam aquella devida homenagem.

O busto do valoroso caudilho da Liberdade colocado na sala de honra da Sociedade de Geografia, ficou bem no seu logar, porque, se Bernardo de Sá Nogueira foi o valente soldado que batendo-se, primeiro pela independencia da patria, na guerra peninsular, aos quatorze annos de edade, imberbe, mas indomito, e depois naquellas prolongadas campanhas de cerca de trinta annos, pela causa liberal, é certo que seu generoso coração que o levou a defender a corôa de uma joven rainha que era ao mesmo tempo o simbolo da Liberdade, o inflamou tambem num grande amor pela libertação do escravo e engrandecimento das colonias portuguêsas. Foi a ultima fase da sua vida, devotada a esta ideia como pensamento fixo, apaixonando-se tanto pela abolição da escravatura, como se apaixonara pelas liberdades politicas de seu país.

Lutou contra todos os egoismos interesseiros em nome dos direitos humanos; lutou e venceu neste campo pela palavra e pela escrita, como vencera pela bravura e pela espada nos campos de batalha.

Elle selou com o proprio sangue, e ainda com parte de seu corpo, pois lá lhe ficou o braço direito no ardor das refregas, a nova constituição da patria, como assinou a lei de emancipação dos escravos para que em terra portuguêsa todos gozassem as mesmas liberdades por que elle tinha jogado a vida.

Quer no discurso do sr. Consiglieri Pedroso, vice-presidente da Sociedade de Geografia, quer no elogio historico, pronunciado pelo sr. Almeida de Eça se enalteceram o valor e os serviços do marquês de Sá da Bandeira, elogio que abrange toda a vida do soldado, do estadista e do colonial, a feição não menos distinta daquella grande individualidade.

Agora que diremos da obra de arte em que a sr.ª duquêsa de Palmella consagrou no marmore a memoria do heroe?

O busto de agora é copia do que a sr.ª duquêsa de Palmella fez em 1879 e que o Occidente reproduziu então nas paginas do volume daquelle anno, acompanhando-o com um artigo de Pinheiro Chagas. Serão as palavras do brilhante e inconfundivel estilista que hoje reproduziremos, apreciando com a autoridade daquelle grande talento, o trabalho da nobre artista:

«Sá da Bandeira teve agora uma consagração suprema. A sr.ª duqueza de Palmella modelou em marmore o busto do intrepido general. E' desse magnifico busto que o Occidente dá hoje uma gravura. O publico sabe que as mãos aristocraticas da herdeira de um dos mais gloriosos nomes de Portugal, a gentil senhora que todos os lisbonenses conhecem, é uma artista de superior talento. Podia ser simplesmente esculptural, quiz tambem ser esculptora. As suas mãos ducaes manejam o escopro com a habilidade de um grande artista. Consubstancia d'essa fórma em si propria duas entidades que costumam ser distinctas: modelo de estatuas, e creadora de estatuas, Victoria Colonna e Miguel Angelo. Assim se conserva a nobreza de um nome illustre, acrescentando-lhe sempre novos esplendores. Entrelaçados simplesmente na aurea grinalda da heraldica portugueza, as flores da corôa ducal de Palmella haviam de desbotar com a acção do tempo, que não poupa as velhas raças, como não poupa os velhos monumentos; mas entretecidos outr'ora com a corôa dos estadistas e dos grandes oradores, agora com a corôa dos grandes artistas, conservam sempre o seu primeiro brilho, e a superioridade hierarchica da fidalga de antiga linhagem affirma-se, no meio da nossa sociedade democratica, com a superioridade muito menos incontestada do talento.»

C. A.

Morte do Presidente dos Estados Unidos do Brasil

Dr. Afonso Pena

Desde o dia 14 de junho que a Republica dos Estados Unidos do Brasil se cobriu de luto pela morte do seu presidente dr. Afonso Pena. Entretanto só hoje podemos prestar nossa homenagem á memoria do venerando extinto, por dificuldades

que tivemos em obter um seu retrato moderno e autentico.

Se as alegrias ou as tristesas do Brasil são compartilhadas em Portugal como as de um povo irmão, mais foram estas agora dolorosamente sentidas neste país do Occidente da Europa, tanto quanto o venerando morto lhe era afeiçoado, do que não poucas provas deu em sua vida, pela simpatia que Portugal sempre lhe mereceu e gentilesas que lhes dispensou, como a ainda bem recente excepção que abriu para este país quando o convidou a concorrer á sua festa do trabalho nacional, com que o Brasil celebrava o centenario da abertura dos seus portos á navegação e comercio do mundo.

No convite que dirigiu a El Rei D. Carlos para ir ao Rio de Janeiro inaugurar a Exposição Nacional, lá seu maior empenho em estreitar as relações entre os dois paises, naturalmente ligados pelos laços moraes, mas que mais e mais convem apertar em suas relações de comercio, que hoje, principalmente é a maior, a suprema aspiração dos povos.

Nisto afirmava o falecido Presidente seu espirito eminentemente pratico de bom estadista e de verdadeiro americano.

E assim era o dr. Afonso Pena, que se elevou á primeira magistratura do seu país, confiadamente eleito por seus compatriotas em 1903 para a vice-presidencia da Republica, e em 1906 o elegeram presidente, no quadrienio que vae daquelle anno ao de 1910.

O dr. Afonso Pena nasceu em Santa Barbara, do Estado de Minas Geraes, a 30 de novembro de 1847. Em 1870 formou-se em direito e entrou na vida publica, sendo eleito deputado provincial em 1874 a 1879, e deputado geral de 1879 a 1889, quando se proclamou a Republica.

Foi assim deputado quinse annos no regimen do imperio, como foi tambem ministro da guerra em 1882 sob a presidencia de Martinho de Campos, ministro da agricultura em 1883, no gabinete Laffayette, e ministro da justiça em 1885, com o governo de Dantas.

Proclamada a Republica, fez parte das côrtes constituintes de Minas e assumiu a presidencia deste Estado de 1892 a 1894.

Em 1895 foi nomeado presidente do Banco da Republica, logar que ocupou até 1898.

Elevado á presidencia da Republica, é no seu consulado que o país toma mais desenvolvimento e elle fomenta maior progresso, principalmente na capital federal, que se transforma completamente abrindo largas avenidas e praças que se povoam de magnificas edificações, construem-se linhas ferreas e manifesta-se uma alta febre de melhoramentos que tornam a velha côrte do imperio numa das mais lindas cidades modernas da America.

Com taes qualidades administrativas e tão grande iniciativa, o dr. Afonso Pena adquiriu justa popularidade no país, que ora sente a sua perda, e esse sentimento manifestou-se logo que constou a doença do presidente e o povo se acercava do palacio do Catete a informar-se do estado do enfermo.

A doença, que a principio parecia de pouca importancia, pois se limitava a um ataque de *grippe*, assumiu depois maior gravidade, atuando tambem no espirito do doente uma grande dôr moral por vêr perdida a eleição do candidato que elle protegia para a presidencia que o ia substituir no proximo quadrienio de 1910 a 1914.

Assim o declarou o senador Barbosa no congresso nacional.

O funeral do dr. Afonso Pena, que se realisou no dia 16, teve a maior imponencia de uma pompa funebre, mais impressionante ainda pela profunda magua de toda a população que acudiu ao palacio do Catete e abriu alas á passagem do feretro.

Corôas, açafates, ramos de flôres naturaes e artificiaes acomularam-se sobre o feretro em numero superior a oitocentos, e entre esta profusão destacava-se pela belesa e arte as corôas de El-Rei D. Manuel, do Presidente Nilo Peçanha, barão do Rio Branco, e dos Estados de Minas Geraes, S. Paulo e Pará.

As potencias estrangeiras representaram-se no funeral pelos seus ministros creditados e consules, assim como desembarcaram as forças do navio-escola espanhol *Nautilus*, que fundeava no porto, para tomar parte no cortejo funebre.

Foi um dia de verdadeiro luto na cidade, de ceu enevoado, ouvindo-se o dobre de sinos como confragedores lamentos, entrecortados pelos tiros de artilharia das fortalesas e vasos de guerra que de quarto em quarto de hora, atroavam os ares. Assim seguiu o cortejo por entre as alas de tropa e de povo que lhes abria passagem, até ao cemiterio de S. João Baptista, onde ficou depositado o corpo de Afonso Pena, acaso o presidente mais popular da Republica do Brasil.

* * *

Pela morte do presidente dr. Afonso Pena, foi logo investido nesse logar, segundo a constituição do país, o vice-presidente sr. Nilo Peçanha, o qual completará o quadrienio por que foi eleito o falecido presidente, e que termina em 15 de novembro de 1910.

DR. AFONSO PENA

PRESIDENTE DA REPUBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

FALECIDO EM 14 DE JUNHO DE 1909

Esperamos brevemente publicar, o seu retrato que estamos tratando de obter, e notas biograficas.

A VELHA LISBOA

(Memorias de um bairro)

CAPITULO XVII

(Continuado do n.º 1094)

Extremavam-se então, no termo de Lisboa, as quintas e jardins dos duques de Palmella, ao Calhariz, a quinta da Bacalhôa, a do marquez de Fronteira, em Bemfica, a de Monserrate, em Cintra, a de Santo Antonio do Tojal e a de Marvilla que eram da mitra; e no Porto as quintas do Prado e de Santa Cruz das Maias, pertencentes ao bispado, na primeira das quaes assenta hoje um dos dois cemiterios da cidade invicta. (1)

As cêrcas dos conventos tambem, ás vezes, recebiam dos frades cuidados amoraveis, como a do convento de S. Domingos de Bemfica, de que fala com admiração o nosso grande Frei Luis de Sousa.

Em muitas dellas, como tambem nas propriedades do marquez de Alorna e dos Albuquerques da Bacalhôa os azulejos policromos e vistosos e os embrechados berrantes punham uma nota essencialmente caracteristica.

El-rei D. João V, tendo comprado em Belem, um pedaço bom de terreno, não quiz ficar áquem destes fidalgos, no luxo arquitetural dos seus jardins, e mandou plantar um naquelle local.

Tal jardim, que não excedeu notavelmente os seus manos mais velhos, logrou comtudo avivar a inspiração de Luis Caetano de Lima que cantou, em versos latinos, a nova fundação do monarca.

* * *

O inapreciavel volume decimo quatro do Teátro de Manuel de Figueiredo, elucida-nos ainda quanto aos processos usados na floricultura, nos seus tempos de rapaz, isto é, ahi pelos meados do seculo XVIII.

Segundo elle informa, os curiosos e amadores de flôres (e não eram poucos), limitavam-se então a adubar as terras e a plantar nellas as cebolas e raizes que alguns negociantes estrangeiros (holandêses, alemães, francêses e italianos) lhes vendiam na sua passagem por Lisboa onde annunciavam fartamente a sua mercadoria.

Não havia presente para uma secia que sobrelevasse um ranunculo, uma tulipa, um narciso ou uma anémona com que ellas se ataviavam nos dias festivos, mórmente nas grandes festividades do Corpo de Deus ou do Senhor dos Passos da Graça.

Exultavam de prazer os peraltas e pintalegretes vendo-as, debruçadas sobre o matiz das colchas orientaes, no peitoril das janellas engalanadas, com a flôr oferecida na vespera, posta no peito junto ao broche esmaltado, que a *pragmatica tarina* mandava concertar de quando emquando para que o alto penteado *á alemãa* pudesse balançar até á cornija ennastrada de laços. E era um encanto, quando a cortina se afastava á dôce pressão dos dedos dellas, vê-las, cá de baixo, das ruas areadas e atapetadas de folhagens, todas mosqueadas de sinaes, os braços cheios de braceletes e de manilhas, olhando, procurando alguem, segui-lo depois com o scintilar das pupilas, por entre a multidão festiva que se acotovelava e rugia de entusiásmo.

Não estaes vendo nitido e perfeito este quadrinho de outras eras?

* * *

Entre os amadores de flôres destacava-se, por esse tempo, Luis Simões Ressurgido. Foi elle o primeiro que, na quinta velha do infantado, introduziu as chamadas flôres de inverno, mais conhecidas pelo nome de *borboletas* as quaes tiveram tanta voga como os canarios que os vendedores estrangeiros apregoavam, cantando pelas ruas.

Ainda hoje nos é dado ouvir o extravagante pregão de um desses vendilhões que parece ser o unico representante dos pregoeiros cantadores do seculo XVIII. E ainda, a proposito de canarios, direi que os amadores dos seus trilos e melodias faziam largo consumo delles, alimentando o comercio de alguns passarinheiros. Por exemplo: defronte do caes de Manuel Ribeiro, á Bôa Vista, estavam em janeiro de 1729, de passagem, dois estrangeiros que vendiam canarios brancos e de varias côres que cantavam de dia e de noite. (1)

Defronte da porta do carro do convento do Espirito Santo da Pedreira, achavam-se tambem, em 1735, dois alemães, promovendo o mesmo negocio. (2)

Mais tarde, em 1741, outro alemão nos visita com identica mercadoria. E todos faziam negocio. Creio o bem.

(Continúa.) G. DE MATOS SEQUEIRA.

(1) *A Jardinagem em Portugal*, pelo dr. Sousa Viterbo, já citado.

(1) *Gazeta* de 13-1-1729.
(2) *Gazeta* de 15-12-1735.

Um presente para S. M. El-Rei D. Manuel

Não estará o nosso publico esquecido das noticias que, ha pouco mais de um anno os jornaes davam diariamente, do entusiasmo com que no Rio de Janeiro se aguardava a visita de El Rei D. Carlos, que ali iria em junho de 1908 inaugurar a grande Exposição Nacional.

O governo da Republica celebrava o centenario da abertura dos portos do Brasil ao comercio do mundo, e o numero mais importante do programa dos festejos era a inauguração do grande certamen nacional, em edificios expressamente construidos na Praia Vermelha, em o numero dos quaes se contava um palacio destinado á exposição portuguêsa, que por um requinte de amabilidade do governo brasileiro, foi oferecido a Portugal para ali a realisar, excepção aberta só para o nosso paiz (1).

A colonia portuguêsa tomava parte ativa nas festas com que deveria ser recebido o rei de Portugal e o entusiasmo que essa visita despertava em nossos compatriotas, só se podia medir pelo acrisolado amor patrio que os anima, naquella segunda patria que os acolhe como a irmãos, mas que nem por isso esquecem a terra que lhes foi berço.

Entre as enumeras atenções carinhosas com que seria recebido o soberano português, estava-lhe reservado o inaugurar as oficinas da grande fabrica Fundição Indigena, no seu novo edificio, da rua Camerino, importante estabelecimento industrial, continuador da Imperial Fundição, fundada em 1828, de que em outro artigo nos ocupâmos.

Os proprietarios da Fundição Indigena srs. Farinha, Carvalho & C.ª haviam preparado expressamente para oferecer, por essa ocasião, a El-Rei D. Carlos, uma placa primorosamente cinzelada em bronze pelo sr. Léon Clerot, executada nas oficinas de fundição de bronzes de arte decorativa da sua fabrica, como um dos especimens mais delicados dos trabalhos sahidos desta casa.

O desgraçado malogro da visita de El-Rei D. Carlos ao Rio de Janeiro, que tudo transtornou, deixou os srs. Farinha, Carvalho & C.ª preplexos sobre o destino que deviam dar aquella obra de arte com tanto amor executada.

Passada a primeira impressão produsida pela inaudita tragedia que privou El-Rei D. Carlos de pisar terras de Santa Cruz, resolveram os srs. Farinha, Carvalho & C.ª de acordo com o sr. conselheiro Camello Lampreia, ex-ministro de Portugal no Brasil, oferecer a placa a Sua Magestade El-Rei D. Manuel, e nesse proposito foi encarregado o sr. comendador Santos Carvalho, socio e diretor tecnico da Fundição Indigena, de ser o portador do presente para El-Rei.

O sr. comendador Santos Carvalho, um verdadeiro industrial, teorica e praticamente sabedor da sua industria, chegou ao Tejo no dia 30 de junho a bordo do *Araguaya*, trazendo a primorosa placa, que teve a amabilidade de nos mostrar, e que é realmente uma obra de arte.

Dentro de um estojo de pelucia azul, forrado de setim branco, vê-se um baixo relevo de bronze primorosamente cinselado, medindo $0^{m},27$ de altura por $0^{m},16$ de largura. Sobre um fundo todo oudeado releva-se a figura do anjo S. Miguel, dominando Lucifer. O desenho é correto e bem composto o grupo, apreciando-se a modelação que é prefeita e bem assim todo o trabalho de cinsel de extrema delicadesa, como se vê da gravura que a reproduz.

Na parte superior da placa lê-se em letras bem relevadas: *A Sua Magestade Fidelissima D. Carlos I*, e na inferior a seguinte dedicatoria: *Oferecem — Farinha, Carvalho & C.ª, Fundição Indigena, Rio 1908*, assinado *Leon Clerot — cinselador*.

A placa está metida numa bem acabada moldura de madeira do Brasil.

Na tampa do estojo ha uma lamina de prata com a seguinte dedicatoria gravada:

A Sua Magestade El-Rei D. Manuel II, oferece a Fundição Indigena. 1909, Rio de Janeiro.

A entrega deste presente será feita logo que Sua Magestade El-Rei marque o dia para receber o sr. comendador Santos Carvalho.

PLACA EM BRONZE CINSELADA

OFERECIDA A SUA MAGESTADE EL-REI D. MANUEL II, PELA FUNDIÇÃO INDIGENA, DO RIO DE JANEIRO, DOS SRS. FARINHA, CARVALHO & C.ª

(1) Vide OCCIDENTE, vol. XXXI de 1908, n.os 1057, 1060, 1061, 1063, 1064, 1066, 1070, 1071 e 1072.

A Fundição Indigena do Rio de Janeiro

Não se avalia facilmente o desenvolvimento, que nos ultimos annos, tem assumido o trabalho indigena no Brasil em todos os ramos da arte e da industria, dispondo para isso de importantes capitaes que nellas procuram sua remuneração.

Só melhor o póde avaliar quem assistiu á Exposição Nacional de 1908, a decima que desde 1860 se tem realisado naquelle grande paiz, que enche de orgulho o velho Portugal que o patenteou á Europa e nelle conseguiu a colonisação mais vigorosa, honra do seu espirito e força do colonisador.

Aquelle certamen, primeiro realisado sob o novo regimen, sobrelevou a todos os outros. Teve maior latitude; estendeu-se a todos os Estados da Republica. Construiram-se para elle edificios especiaes, como palacios encantados, nos vastos terrenos da Praia Vermelha, tendo por fundo as verdejantes colinas do Corcovado até vir perder-se no giganteo Pão de Assucar, qual outro colosso de Rhodes, alçando-se á entrada do Guanabara, em cuja bahia se podem abrigar todas as esquadras do mundo.

Os grandiosos edificios da exposição, com seus parques, com seus restaurantes, cafés, teatros e jogos, numa grande profusão de vida, de prazer, ora admirando a multiplicidade dos produtos do trabalho expostos com arte e gosto, nas varias secções da exposição, ora gosando a diversidade de espetaculos que convidavam o publico, e sobre os terraços e mirantes, dilatando a vista pela formosa bahia povoada de ilhotas a quebrarem a monotonia das aguas com seus macissos de verdura e motivos pitorescos, tudo ali surgia como por encanto ao termo da grande area marginal da cidade, onde convergem as largas avenidas que hoje cortam a capital federal, completamente transformada pela grande força do progresso.

Assim, a exposição veio em plena atividade, quando no grande centro federal se desenvolviam todas as energias para o engrandecimento e beleza da velha cidade.

Foi geral o movimento e a exposição mais o augmentou, pois o comercio e a industria se empenharam a bem corresponder ao apêlo do Estado.

Entre os estabelecimentos industriaes que mais se distinguiram no grande certamen do trabalho nacional, notou-se a Fundição Indigena. E' deste, pois, que nos vamos ocupar a proposito da bela obra de arte, oferecida a Sua Magestade El-Rei D. Manuel, a que noutro artigo nos referimos.

A Fundição Indigena dos srs. Farinha, Carvalho & C.ª é a restauração ampliada da antiga Imperial Fundição, estabelecida no Rio de Janeiro, em 1828. O seu renascimento vem de 1893, em que a citada firma tomou conta da antiga fabrica, tendo por socio e diretor tecnico o sr. comendador Santos Carvalho, um industrial profissional na verdadeira significação destas palavras, que, sendo filho de Lisboa, principiou sua vida de trabalho no Rio de Janeiro, para onde foi em 1865, aos 9 annos de edade, entregue a seu pae, que para ali havia ido dois annos antes. Aos 12 annos dedicou-se ao oficio de ferreiro e desde logo revelou tanta aptidão, que foi seguindo sua carreira com vantagem, pois a par do ensino profissional, entregou-se ao estudo no Liceu de Artes e Oficios onde percorreu todos os cursos com distinção, a ponto de mais não ter ali que aprender.

Em 1876 estabelecia-se por conta propria, e numa incessante labuta de trabalho, com este foi constituindo seu maior capital, podendo provar na pratica que o melhor capital, o mais solido e progressivo é o que se funda no esforço da propria inteligencia e dos proprios braços.

Referimo-nos a estes principios do sr. comendador Santos Carvalho para mostrar o direito e a competencia com que elle, na sua industria se elevou á altura dos grandes industriaes, principiando pelos trabalhos mais rudes do oficio até

A Fundição Indigena do Rio de Janeiro

Busto em bronze do poeta brasileiro Castro Alves, executado pela Fundição Indigena

Busto em bronze do sr. Commendador Santos Carvalho, socio e director technico da Fundição Indigena

Vista exterior do novo edificio da Fundição Indigena, na rua Camerino do Rio de Janeiro, propriedade dos srs. Farinha, Carvalho & C.ª

(De Fotografias)

aos mais complexos e delicados, desde o malho do ferreiro até á serralharia vulgar e artistica, fabricação de maquinas e fundição, em toda a variada escala destes trabalhos, que todos lhe passaram pelas mãos, e todos conhece pratica e profissionalmente.

O sr. comendador Santos Carvalho encontra-se na situação daquelles primeiros industriaes e engenheiros que não desdenham vestir a sua blusa empunhando a lima ou o martelo, e trabalharem de camaradagem com os seus operarios, guiando-os, ensinando-os e instigando-os ao aperfeiçoamento das obras. Isto fazem nas oficinas, que são para elles templos do trabalho, e quando dali saem, quantos vestem a sua casaca, como o mais requintado *gentleman*, para irem jantar e depois aos teatros, aos saraus e reuniões da alta sociedade.

Hoje, o sr. comendador Santos Carvalho, encontrando-se á testa da Fundição Indigena, tem imprimido a este grande estabelecimento industrial todo o progresso de que a sua atividade e saber é capaz, e póde-se afoitamente dizer que esta grande fabrica metalurgica é a primeira do Rio pelo complexo da sua produção, abrangendo os artefatos de ferreiro, serralharia civil e artistica, construção de maquinas industriaes e agricolas, modelação e esculptura, fundição de metaes e bronzes de arte e todos os artigos de ferro ou de aço aplicados a construções civis, e uma secção de esmaltes em metaes.

Esta grande fabrica, estabelecida em edificios proprios que ocupam uma area não inferior a cinco mil metros quadrados, emprega cerca de duzentos operarios. Tem o capital de 500:000$000 réis e uma produção annual de 900:000$000 réis, sendo a fornecedora de todos os ministerios, Prefeitura Municipal, e dos principaes engenheiros, arquitetos e construtores de todo o Brasil.

Os produtos desta fabrica tem valido aos seus proprietarios honrosas distinções oficiaes como o habito de Cristo e o de S. Tiago, comenda da Conceição e a do Merito Industrial, e dois habitos da Roza do Brasil, sendo estes ainda conferidos pelo imperador, que muito apreciava os trabalhos desta fabrica.

Foi ainda premiada nas Exposições Nacionaes de 1860, 61, 62, 66, 73, 84, 89, 900 e 903, nas Universaes de Paris de 1867 e 1889, nas Internacionaes de Londres e Philadelphia de 1862 e 1876 com seis medalhas de ouro, quatro de prata, tres de bronze, um Diploma de Honra, dois de Progresso, e dois de Mensão Honrosa. Por ultimo, na Exposição Nacional do Rio de Janeiro de 1908, quatro grandes premios, uma medalha de ouro e um cartão de ouro, premio unico da Prefeitura Municipal conferido á melhor *vitrine*.

Os catalogos da Fundição Indigena são mais um documento irrefragavel da importante produção desta fabrica, pois nelles apresenta especimens de serralharia civil, de fogões, de artigos aplicados á construção, grande variedade de maquinas para a industria manufatora e agricola, e os de artefatos da fundição de bronzes, que são verdadeiros albuns de arte.

E' do primeiro volume do catalogo de bronzes de arte, que reproduzimos, em gravura, os bustos belamente modelados do poeta brasileiro Castro Alves e do sr. comendador Santos Carvalho, diretor tecnico da Fundição Indigena e socio da firma Farinha, Carvalho & C.ª proprietaria da mesma.

Como se vê da gravura que publicâmos, copia de fotografia, representando a vista exterior desta fabrica, é grandioso o edificio, cuja frente, um lindo especimen de arquitetura moderna, se alonga por 45 metros de comprimento.

Esta frontaria formada de dois corpos lateraes e um central, ligados, desenvolve-se em dois pavimentos, terreo e superior, constando os corpos lateraes de grande portico decorativo e janelão correspondente, devidido por duas columnas, e o corpo central de onze portas ligadas formando galeria com o pavimento superior, sobre o qual corre uma plantibanda decorada de trofeus.

A' frente do edificio são os escritorios e galerias de exposição dos produtos da fabrica, e para o interior é que se estendem as oficinas.

A Fundição Indigena, que, como ficou dito, é hoje um dos estabelecimentos industriaes do Rio de Janeiro mais importante, maior desenvolvimento promete adquirir, para o que vem agora á Europa o seu socio e diretor tecnico sr. comendador Santos Carvalho, em viagem de estudo a Paris, Berlim e Londres, recolher novos conhecimentos dos progressos da sua industria.

Por mais de uma vez o sr. comendador Santos Carvalho tem vindo á Europa para o mesmo fim, e a ultima foi em 1902.

C. A.

A casa submarina

POR

Max Pemberton

(Continuado do n.º 1097)

VI

De como Jasper Begg torna a falar com a sua antiga ama

Eu tinha tomado todas as precauções antes de entrar em casa de minha ama, deixando Seth Barker, o nosso carpinteiro, e Peter Bligh, como sentinellas vigilantes, um junto da vereda que ia dar ao bungalow outro perto da porta do jardim, e encarregando Dolly Venn de observar o lado N. por onde era provavel voltassem os bandidos que estavam saqueando o *Santa Cruz*.

Feito isto, e depois de me convencer que haviam percebido bem as minhas ordens e que deviam disparar um ou dois tiros, segundo as circumstancias, abri a porta do jardim e encaminhei-me para a entrada da casa.

Não se ouvia ruido algum que denunciasse a existencia de seres viventes n'aquella habitação.

O silencio era tal, que eu proprio sentia as minhas pisadas sobre a areia do caminho, fazendo-me recear que ellas comprometessem esta aventura.

Nós eramos apenas quatro; mas quem nos dizia se na ilha existiriam quatrocentos inimigos?

A escuridão era enorme; apenas pelas janellas illuminadas, sahia claridade sufficiente, para mostrar o caminho que pisava, deixando no solo grandes manchas de luz dourada.

Estive bastante tempo vacillando sobre a qual das janellas me havia de dirigir, porque no caso de equivocar-me, o risco seria grande.

Por fim, agarrei uma pequena pedra e atirei-a contra a que estava mais proxima da porta, por me parecer ser aquella onde poderia encontrar-se Ruth.

Calcule-se a anciedade em que fiquei, quando vi que não tinha sido ouvido e só um cão me persentira, começando a ladrar furiosamente e armando tal escandalo, que suppuz por momentos vêr abrirem-se todas as janellas e portas da casa e por ellas sahir um exercito de homens para me atacar.

Não havia duvida: chegára o ultimo dia da minha vida!

Mas comquanto isso pareça extraordinario, o caso é que o cão se cançou de ladrar e ninguem deu signal de vida, nem tão pouco os meus fizeram os signaes combinados, o que demonstrava não ter havido novidade.

Dispunha-me já a atirar outra pedra, quando a luz d'uma das janellas se apagou e abrindo-se esta, vi ser então uma porta, dando para a varanda do bungalow onde appareceu miss Ruth, que se poz a observar o jardim como se soubesse de antemão que eu a estava ali aguardando.

Quando deu comigo, não me disse uma palavra nem me fez o menor signal, mas mettendo-se outra vez para dentro de casa, deixou a porta aberta para eu passar, o que realmente fiz, encontrando-me completamente ás escuras.

Mal entrei, senti que a mão de Ruth me agarrava com tal pressão que julguei nunca mais me soltar.

— Jasper — disse ella n'uma voz muito parecida com um murmurio. — Jasper Begg, como não pode ser outro senão o senhor, vou accender luz para nos não perdermos n'esta obscuridade.

— Miss Ruth — repliquei, — ás escuras ou ás claras, aqui estou para cumprir as suas ordens, e o barco está ahi outra vez, como lhe disse em presença de Denton, esperando a sua visita.

Ruth estava de costas voltadas quando lhe dizia isto, occupada em correr a cortina e accender o candieiro. Trazia vestido um fato negro enfeitado com bellas rendas em volta do delicado pescoço, e na cabeça um enfeite de brilhantes que lhe fazia realçar os formosos cabellos.

A expressão do seu rosto era porém enganadora, pois tão depressa sorria, como ficava no mutismo profundo de quem soffre sem o querer dar a conhecer.

— Não me deve chamar miss Ruth, — disse ella depois de dar mais vida á luz do candieiro que poz sobre outra meza. — Sabe isso perfeitamente, porque esteve nas minhas bodas. Parece mentira que se tenham passado apenas doze mezes!

E um profundo suspiro se lhe escapou dos labios, um d'esses suspiros que revellam todo o soffrer d'uma alma angustiada, melhor do que o poderia descrever um livro. Ao soltar esse suspiro, pareceu-me vêr no seu rosto de anjo, aquella expressão de tristeza que notára pela manhã, quando falava em frente do homem amarello.

— E' verdade, miss, — repeti sem fazer caso da observação. — Ha treze mezes e três semanas que entrou com Mr. Czerny na cathedral de Nice, e desde então, parece que os dias lhe teem decorrido lentamente na ilha aguardando anciosa os seus amigos, que a não tinham esquecido.

— Bem lentamente, é verdade! Os dias são grandes e as noites maiores ainda. Mas, meu marido está quasi sempre ausente da ilha.

Peguei na cadeira que me offerecia e approximei-me da mesa. No entretanto, Ruth Bellenden não despregava os olhos do relogio como se quizesse fazer com que os ponteiros não avançassem.

Comprehendi então que não havia tempo a perder.

— Miss Ruth, — insesti sem mais rodeios, — pelo que observei esta noite, não me resta duvida de que toda a gente honrada se alegraria de se vêr o mais longe possivel da ilha de Kenl e dos seus habitantes. Perdôe-me a franqueza com que lhe falo, mas é a franqueza rude do marinheiro. Quando deixou em poder do seu banqueiro, dinheiro sufficiente para fretar um barco que viesse a este porto, as palavras que me disse, foram: «Pode ser que necessite de si.» Miss Ruth, vejo que realmente necessita de mim, e seria um grande estupido se não visse isso claramente. Necessita dos meus serviços, senhora, e embora o não confesse, tomo eu a liberdade de lh'o dizer.

Levou o indicador aos labios como a impôr-me silencio, mas não fiz caso e continuei na mesma atitude que tinha tomado:

— Sim, — porsegui, — necessita esta noite dos seus amigos, e foi um vento feliz o que nos conduziu a esta costa. O que se tem passado n'estes ultimos tempos, não o quero saber nem lh'o pergunto. Tenho olhos que vêem e que me revelam tudo, e estão a dizer-me que é infeliz na ilha, e que a tratam mal.

Ruth Bellenden estava mais branca que as flôres do seu jardim, sem ter animo de me contradizer.

Uma ou outra vez a vi estremecer como se sentisse um arrepio de frio. Ia a continuar, quando Ruth inclinando a cabeça um pouco

sobre a meza, começou a soluçar, sem já poder conter as lagrimas que lhe borbulhavam nos olhos.

— Oh! Jasper, Jasper! Se soubesse quanto tenho soffrido!...

— Miss Ruth, — tornei eu como louco e tentando reanimal-a, — não pense agora n'isso. Aqui estamos para a auxiliar. O barco está ali e todos aguardamos as suas ordens. E' preciso seccar as lagrimas e recuperar a serenidade.

— Sou uma criança, Jasper, e ha um anno julgava ser uma mulher! Mas tudo isso já passou. Nunca irei n'esse barco, nunca! Morrerei na ilha de Ken como tantas outras teem morrido.

Tomei então uma atitude energica, e olhando para o relogio, exclamei:

— Minha senhora, ponha qualquer coisa pelos hombros e abandone esta casa quanto antes! Encontrar-se-ha sã e salva a bordo do *Cruzeiro do Sul*, dentro de vinte minutos, tão certo como existir Deus!

Não dizia isto por fanfarronada, porque o teria feito conforme dizia, mas fiquei como petreficado quando a ouvi responder:

— Sim; iria para bordo d'esse barco, se todos os passos que dou não fossem rigorosamente espionados; se em cada rochedo que ahi se levanta em volta da ilha, não houvesse uma sentinella; se não houvesse tambem homens que me fizessem voltar para traz. Como poude saber, capitão, como poude adivinhar o que se passa na ilha? Coisas que eu temo e me horrorisam? A si, que tem um barco que o espera, talvez o deixem passar, mas a mim!... nunca! ainda que me tirem a vida.

Causava medo vêr a expressão do seu rosto ao dizer estas palavras, e, com uma rapidez extraordinaria, foi a um cofre particular, que abriu e tirou de dentro um manuscripto que me entregou tornando depois a fechar o cofre.

— Leia isto, — disse com surprehendente anciedade. — Leia isto quando estiver outra vez a bordo. Não creio que outros olhos a não serem os meus, o tenham visto, mas o senhor, Jasper, espero que o leia. Isto lhe revelará o que a bôca se recusa a dizer. Leia, leia! E depois de ler, dirá então como é possivel ajudar uma mulher que bem precisada está do seu auxilio.

Metti o manuscripto no bolso, mas fiquei irresoluto sem saber se Ruth me despedia d'aquelle modo.

— Hei de lêl-o linha a linha, creia, mas não pense que Jasper Begg se vae embora deixando-a n'esta triste situação, miss Ruth. Isso, para mim, seria uma cobardia!

Ruth sorriu ao ouvir estas palavras, e recordando a nossa situação e do que tinha occorrido desde que anoitecera, não quiz que continuasse a falar.

— Não o percebo, capitão, não ha maneira de o perceber. Dois grandes perigos nos rodeiam n'este momento. Esses homens que foram roubar os naufragos, estão prestes a voltar e não o devem encontrar aqui. Vá-se embora, capitão, fuja, já que eu o não posso fazer. Diga a todos esses bravos que se recordam de mim, que eu tambem me não esqueço d'elles. Talvez que algum dia me possam ajudar e então veremos. Quanto a si, Jasper, estou-lhe bastante grata. Bem sabe que sou reconhecida a todos que se sacrificam por mim.

Estendeu a mão para apertar a minha, e ia a responder qualquer coisa a Ruth, quando um assobio agudo, mas quasi imperceptivel, que parecia vir da parte do jardim, me chegou aos ouvidos e comprehendi então que Peter Bligh teria visto qualquer coisa extraordinaria e me chamava a attenção.

— Miss Ruth, — exclamei, — este signal é de Peter que me avisa d'algum perigo. Alguem se approxima d'aqui, senão o nosso amigo não nos daria o signal.

Não respondeu palavra, mas vi que o seu rosto mudava de côr e que prestes perderia os sentidos.

ZACUTO LUSITANO

(Reducção do retrato publicado nas edições in-folio das suas obras)

E não seria para admirar que tal succedesse, porque n'este momento abriu-se a porta que estava por de traz de nós e a figura de Kess Denton, o homem amarello appareceu entre os hombraes, como um moslim prestes a lançar-se sobre nós.

(Continúa.) RICARDO DE SOUZA.

ZACUTO LUSITANO

A sua vida e obra, por Maximiano Lemos

E' incontestavelmente o sr. Maximiano Lemos, major-medico do exercito, lente de medecina legal na Escola Medica do Porto, socio correspondente da Academia Real das Sciencias e da Sociedade de Sciencias Medicas, um dos actuaes escriptores do nosso paiz que mais e melhor tem assignalado os elevados e preciosos dotes de seu talento, e a larga e proficiente cultura do seu espirito, e exhibido de um e outro, em numerosos e incontrastaveis testemunhos, opimos fructos.

Quando moço, e frequentando o curso medico, sacrificou ás musas como em seu inicio e tirocinio de escriptores o sóem todos aquelles a quem estas favorecem, e fel-o por modo a conciliar merecida aura e justos elogios, sendo eu um dos que a estes me associei intimamente.

Depois de entrado á vida pratica tem se o sr. Maximiano de Lemos consagrado especial, assidua e solicitamente ao estudo da sciencia medica, e não contente com se habilitar para a professar com a mais reconhecida proficiencia na cadeira que reje, tem em copiosos trabalhos a ella atinentes evidenciado que fructuosas para si e para os outros, que n'estes têm colhido boa lição, as lucubrações que lhe ha consagrado. Com assim fazer, porém, não poz o sr. Maximiano de Lemos inteiramente de parte e não deu de mão á sua propensão e afeições literarias, mas tem continuado a cultival-as quasi *pari passu* com as scientificas.

Com relação a obras adstrictas a estas mencionarei apenas, como a mais notavel entre as até ha pouco publicadas, a sua *Historia de medicina em Portugal*, notabilissima seja qual fôr o aspecto sob que se encare, e que vindo preencher lacuna muito sensivel nos fastos da sciencia medica entre nós, ficará constituindo trabalho classico sobre o assumpto a que votada, que ahi foi explanado, quanto possivel, com a maior e a mais desejavel individualisação, e acorado criterio.

Entre seus numerosos trabalhos literarios, originaes ou tradusidos, limitar-me-hei, não só para me esquivar a delongas que me não são permittidas, mas ainda porque o meu escôpo com este artigo tem outra orientação que a de apreciar toda a obra escripta do illustradissimo sabio e homem de letras, a mencionar a *Encyclopedia Portuguêsa Illustrada*, o excellente *Diccionario Universal*, que desde annos tem ido sahindo a lume com a maxima e não interrompida regularidade, sob sua cuidada direcção, contando já dez tomos, e estando em publicação o undecimo e ultimo, já de suplemento.

Tão só esta obra, pelas condições em que é trasida a publico, e quer com relação a seu valor intrinseco quer a seu merito extrinseco, sufficiente para consagrar a benemerencia literaria de quem lhe meteu hombros decididos e seguros, e tão a primôr a leva a proximo e bom fim, e assim em muito acrisolada a nomeada tão justamente ganha pelo sr. Maximiano Lemos.

Cingindo-me, porém, ao assumpto propositado para este escripto, acaba o conspicuo escriptor de faser dar á estampa no Porto, sendo lhe editor o sr. Eduardo Tavares Martins, da rua dos Clerigos, n.º 8 e 10, a obra cujo titulo encima a presente noticia, constituindo tomo em 4.º de 400 paginas, nitidamente e a primôr impressas em excellente papel laminado e illustrado com numerosas e formosas gravuras, retratos, além do de Zacuto, de eminentes medicos e sabios d'este contemporaneos, uns portuguêses outros estrangeiros, todos reverenciadores e admiradores d'elle.

E', por sem duvida, o *Zacuto Lusitano*, e como tal ficará sendo tido e considerado, obra de grande tomo em todo o sentido e de superior valia, pois que realisando monumento altissimo e condigno levantado á memoria do eminente medico, uma das mais privilegiadas intelligencias do seu tempo, honra e incontestavel gloria do nosso paiz, como tal consagrado por todas as sumidades medicas do seu tempo, quer nacionaes quer estrangeiras, e como tal nomeado e acatado desde então até nossos dias, e tido por todos os entendidos como um dos mais radiantes luminares da sciencia e arte de curar, ao mesmo tempo avoca a si, explana, esclarece factos que prendendo se, de mais ou menos perto, com a vida do celebrado medico, evidenceiam não só o estado da medicina n'essa época, mas ainda memoram o curso das cousas então sob o ponto de vista scientifico e ainda social, especialisando quanto a esta a mal

pensada e mal aventurada expulsão dos judeus de Portugal, e a perseguição tenaz e feroz que após esse negregado erro politico e criminoso atentado contra as leis divinas e humanas, continuou a insidir dilatamente não só sobre os proprios judeus mas ainda sobre os christãos novos, assignalando enormes prejuisos d'ahi resultantes para Portugal.

Abona o sr. Maximiano Lemos todas as affirmações feitas com seu precioso trabalho com citação dos innumeros livros, nos lugares que vem a pêlo, onde colheu elementos para ellas, e transcreve ainda no final d'elle os documentos que mais importantes lhe pareceram a esclarecer e corroborar o texto.

Só lendo se pausada e atentamente o *Zacuto Lusitano* é que se poderá alcançar o grandissimo trabalho e laboriosas leituras e estudos que elle custou a seu auctor, e a enorme — não vae exagero no qualificativo — copia de conhecimentos que elle revela em seu conspicuo auctor, acrescendo á valia que d'ahi a mais resulta para o tão distincto trabalho, o não ser a erudição assim a ella trasida pesada e massuda, mas de todo o ponto insinuante, leve e não sentida.

Tudo se conjuga, pois, no excellente livro para lhe abrir lugar mui á parte e sobrexcellente quer na sciencia quer na literatura, que em uma e outra se assignala elle por seus incontrastaveis e valiosos predicados, de que apenas deixo rastreada apagada sombra.

Folgando sobremodo com o ensejo que a publicação do *Zacuto Lusitano* me abriu para dizer algo do que em bem, e muito bem, reputo a relevante individualidade do sr. Maximiano Lemos, não menos folgo tambem com poder este sentir traduzir no OCCIDENTE que franqueando suas columnas a este meu modesto artigo, regista mais uma vez em suas paginas o nome glorioso do grande Zacuto Lusitano, enlaçado com o nome tambem já sobejamente aureolado de seu dedicado biographo e conspicuo exalçador.

Lisboa, 4 de junho de 1909.

RODRIGO VELLOSO.

CAMPEONATO NACIONAL DE ESGRIMA

Grupo do 2.º plano, em pé da esquerda para a direita: Dr. Emaus, Basto Correia, Alexandre Paredes e José Ochôa

1.º plano, sentados, da esquerda para a direita: D. Sebastião Herédia, Frederico Paredes (campeão de 1908 e 1909), Mario de Noronha e dr. Alberto Machado

N'este campeonato foram classificados: Frederico Paredes, 1.º premio medalha de ouro; Alexandre Paredes, 2.º premio; dr. Alberto Machado, 3.º premio. A estes e aos restantes concorrentes são conferidas medalhas de prata, para a entrega das quaes se realisa uma soirée no Salão do teatro de S. Carlos, em a noite de 11 do corrente.

PUBLICAÇÕES

O Actor Antonio Pedro julgado pela Arte e pelas Letras. Lisboa — 1908 — Imprensa Libanio da Silva.

Eis um volume de 241 paginas, illustradas com retratos e varias reproducções scenicas, em que José Pedro de Sousa louvavelmente prestou preito de piedosa homenagem filial á memoria para elle muito querida de seu genial progenitor, — o grande actor Antonio Pedro, o inconfundivel creador de tantas personagens em face das quaes nos sentimos por mais de uma vez verdadeiramente arrebatados.

Ramalho Ortigão sobredoira este simpatico livro com a scintila primorosa de uma — *Carta-prefacio* — de que não resistimos a transcrever as derradeiras linhas n'este logar:

«De tantas «creações» suas, (allude ao finado e glorioso actor) a que este livro se refere noto que esqueceu uma, e não das que menos o honram: — a que elle desveladamente deu ao seu filho...»

Perfilhamos tambem nós as delicadas expressões do conspicuo autor das *Farpas* que, assim, apenas afirmou uma verdade incontestavel.